



SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA XXVIII SIC

paz no plural



Evento	Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2016
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	50 anos depois: A Bomba Atômica no Smithsonian
Autor	MARINA PELLANDA ZIMMER
Orientador	ARTHUR LIMA DE AVILA

50 anos depois: a Bomba Atômica no Smithsonian

Aluna: Marina Pellanda Zimmer

Orientador: Arthur Lima de Avila

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Esse projeto se propõe a analisar a memória sobre as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki. Durante o meu primeiro ano de pesquisa, analisei a construção do evento histórico a partir do momento em que ocorreram os fatos, através principalmente da mídia dos jornais estadunidenses da época. Para dar continuidade ao estudo, analiso agora a construção da memória sobre a bomba e os debates teóricos sobre a mesma, principalmente na celebração dos cinquenta anos de suas ocorrências. O objetivo foi o de analisar como tais eventos foram historicizados e/ou memorializados nos Estados Unidos dos anos 1990, e assim compreender como a memória do evento estudado se torna tão importante quanto o evento em si.

O uso da bomba atômica trouxe muito desconforto para os Estados Unidos desde a época da guerra. Isso pode ser demonstrado através do descaso com o avião Enola Gay, que liberou a bomba em Hiroshima. O avião ficou em um depósito até 1984, quando a pressão de veteranos surtiu efeito e começou a ser restaurado pelo Smithsonian. Houve, no período que precedeu a inauguração da exposição sobre a Bomba Atômica no NSAM, em 1995, muitas críticas ao Smithsonian, por sua traição, antiamericanismo, ou sua contracultura.

Como metodologia de estudo analisei vários autores e seus estudos sobre memória e história, e sobre o debate relacionado à exposição *Crossroads*, no Smithsonian. Segundo Margaret Macmillan, a maneira que o público reage a uma determinada maneira de se ver a história está relacionada com seu presente. Parece ter sido o que aconteceu no caso do Enola Gay no Smithsonian, pois quando os historiadores tentaram problematizar o uso da bomba, isso pode ter se tornado perturbador para uma parcela da audiência. Sobre o contexto temporal dos debates, Chris Lorenz escreve que a concepção dominante de tempo mudou de linear e irreversível para não-linear, reversível e não progressista. Essa nova concepção nos permite pensar em uma simultaneidade temporal e coexistência de presente e futuro, porque não pressupõe que as três dimensões do tempo são separadas um das outras, o que significa que o passado poderia viver no presente, tanto como o futuro pode estar presente no presente. De acordo com Berber Bevernage e Chris Lorenz, quando a ideia de progresso começou a se desintegrar na década de 1980 (aqui progresso como sendo a ideia de que podemos fazer o futuro, sendo ele melhor que o presente e o passado), a ideia de que podemos melhorar o passado tomou seu lugar. É aqui que a noção de memória se tornou o denominador comum para ancorar o passado nas experiências coletivas de grupos específicos desde a década de 1980. John Torpey diz que o passado está constantemente relacionado com as experiências do dia-a-dia, e que essa relação diz respeito à um “colapso do futuro”, ou de uma crescente dificuldade de criar visões políticas progressistas, segundo o autor: “Quando o futuro colapsa, o passado entra.”

A pesquisa, vinculada ao projeto “O ‘Sequestro’ da História dos Estados Unidos: as guerras culturais e a revisão do passado estadunidense na década de 1990 em três polêmicas”, coordenado pelo Prof. Dr. Arthur Avila, está em fases de conclusão. Pude concluir até o momento que, a partir da desintegração de uma ideia de progresso, o passado se tornou muito ativo no presente e um debate que estava esquecido, voltou à tona, chegando a influenciar setores de uma sociedade que estava tentando entender onde se encaixava nesse ponto da história, no caso os Estados Unidos da década de 1990.